

**NARRATIVAS DE TRABALHADORES INFORMAIS NAS
ESQUINAS DE GOIÂNIA: corporeidade e luta pela vida**

**NARRATIVES OF INFORMAL WORKERS IN THE CORNERS OF
GOIÂNIA: corporeality and struggle for life**

**NARRATIVAS DOS TRABAJADORES INFORMAN ESQUINAS DE
GOIÂNIA: corporeidad y lucha por la vida**

Juliane Carla Silva¹
juliane-cs@hotmail.com

Eguimar Felício Chaveiro²
eguimar@hotmail.com

RESUMO: Com o objetivo de construir uma reflexão dos processos sociais do trabalho informal de trabalhadores migrantes das esquinas de Goiânia-Go, é que este trabalho se efetiva. Sabe-se que devido a inúmeros componentes sociais ocorre a migração de trabalhadores de uma região à outras, assim como das cidades pequenas para as cidades médias ou metrópoles. Ao observar os trabalhadores informais nas ruas movimentadas de Goiânia e o deslocamento frenético de pessoas e automóveis, fez-se despertar o interesse pela temática, objeto desse trabalho. As inquietações são: “por quais motivos esses trabalhadores usam os sinais como local de trabalho?”, “como se dá a dinâmica da venda de produtos entre o tempo fugaz dos semáforos?”, “como os trabalhadores informais representam a sociedade e quais são as suas histórias de vida?”. Todas essas perguntas sugerem reflexões. Após contato direto com a temática pelo crivo do referencial teórico, organizou-se trabalhos de campo com conversas, observações e criação de um banco de imagens fotográficas em torno do trabalho e dos trabalhadores informais das esquinas de Goiânia-Go.

Palavras Chave: Trabalho informal; Migração; Narrativas.

ABSTRACT: In order to build a reflection on the social processes of informal work of migrant workers on the corners of Goiânia-Go, this work is effective. It is known that due to numerous social components, workers migrate from one region to another, as well as from small towns to medium-sized cities or metropolises. By observing the informal workers in the busy streets of Goiânia and the frantic displacement of people and automobiles, interest in the theme, object of this work, was aroused. The concerns are: “for what reasons do these workers use signs as a place of work?”, “How do the dynamics of selling products take place amid the fleeting time of traffic lights?”, “How do informal workers represent society and what are your life stories?”. All of these questions suggest reflections. After direct contact with the theme through the sifting of the theoretical framework, fieldwork was organized with conversations, observations and the creation of a photographic image bank around work and informal workers on the corners of Goiânia-Go.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG.

² Professor Titular nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG.

Keywords: Informal work; Migration; Narratives.

RESUMEN: Para construir una reflexión sobre los procesos sociales del trabajo informal de los trabajadores migrantes en las esquinas de Goiânia-Go, este trabajo es efectivo. Se sabe que debido a numerosos componentes sociales, los trabajadores migran de una región a otra, así como de pequeños pueblos a ciudades o metrópolis de tamaño mediano. Al observar a los trabajadores informales en las concurridas calles de Goiânia y el frenético desplazamiento de personas y automóviles, se despertó el interés por el tema, objeto de este trabajo. Las preocupaciones son: "¿por qué razones estos trabajadores usan letreros como lugar de trabajo?", "¿Cómo se desarrolla la dinámica de la venta de productos en medio del tiempo fugaz de los semáforos?", "¿Cómo representan los trabajadores informales a la sociedad y cuáles son sus historias de vida? Todas estas preguntas sugieren reflexiones. Después del contacto directo con el tema a través del tamiz del marco teórico, el trabajo de campo se organizó con conversaciones, observaciones y la creación de un banco de imágenes fotográficas en torno al trabajo y los trabajadores informales en las esquinas de Goiânia-Go.

Palabras Clave: Trabajo informal; Lucha; Narrativas

INTRODUÇÃO

Teletrabalho, empresas plataformas, desemprego estrutural, precarização do trabalho, fragmentação do trabalho, desregulação previdenciária, reforma trabalhista, são termos que, com frequência, nomeiam a atual situação do trabalho e de trabalhadores no Brasil, e também no mundo. Entre esses termos, um interpela qualquer leitura de trabalho no atual período: o trabalho informal.

A informalização do trabalho se estende em um amplo espectro temático, dramático e expressivo do modo como a sociedade capitalista, alavancada em caráter mundial, profundamente financeirizada, sob comando dos impérios agroalimentares, dos bancos e das corporações monopolistas, trata os trabalhadores. Os trabalhadores informais se multiplicam espacialmente em vários lugares, complementando os baixos salários ou se efetivando quase como a única forma de sobrevivência. Com frequência é o último fôlego para a reprodução da vida que (CACCIAMALI, 1989) caracteriza como “‘estratégias de sobrevivência’ e de ‘ascensão social’” conduzindo os trabalhadores a enfrentar condições insalubres de ambientes, estendendo a jornada de trabalho ao desgaste físico, frustrando-se economicamente ou sendo compelido a enfrentar preconceitos e ameaças policiais.

Neste trabalho tratar-se-á de trabalhadores informais migrantes. Convém elucidar que a busca por emprego, por tratamentos médicos, qualidade de vida, estudos, são os motivos mais comuns que geram a necessidade de trabalhadores desenvolverem a migração

e, assim, transporem limites geográficos, rompendo quase sempre, com os lastros pessoais de vida.

Face a sua efetiva força, a mobilidade faz reconfigurar as trajetórias espaciais de milhares de migrantes, gerando rupturas na vida social e familiar. Que, na busca por oportunidade de emprego e renda, qualidade de vida melhor, partem do seio de onde nascem. No caso específico de trabalhadores informais das esquinas de avenidas de Goiânia, na maioria dos casos, é o migrante nordestino desempregado, de cor negra, morador de espaços segregados, que efetiva vendas de doces caseiros, frutas, panos de prato e redes.

A busca por oportunidades que supram necessidades básicas se apresenta de forma frequente em grande parte da fala destes trabalhadores. As narrativas de vida dos sujeitos migrantes remetem a uma realidade presenciada e vivida cotidianamente por milhares de brasileiros que, para muitos, são desconhecidas. Ouvir a voz desse trabalhador é, desse modo, ouvir a voz dura e trágica da desigualdade social, da concentração de renda, das barganhas entreguistas do Estado brasileiro.

Um dos objetivos deste artigo é propiciar reflexões sobre, e através das narrativas. Pautando-se na ideia de que o sujeito que fala o faz em determinadas condições históricas e espaciais, considera-se, conseqüentemente, observar a relação dos trabalhadores informais migrantes e o território. Ora, isso é possível a partir da ação do corpo que, no trabalho diário, exposto ao sol ou a chuva, sob ruídos e flagrados no ritmo alucinado da metrópole, exerce o trabalho nas esquinas. Corpo este que é observado com olhares distintos, ora de medo, ora de pena, ora como parte integrante de uma cena do cotidiano, já se tornando parte da paisagem local.

Isso posto, poder-se-ia considerar que, se o trabalho envolve a estrutura territorial ou espacial, o corpo é que dá o impulso; é o gerador de força que desemboca em ação de trabalho. Existe, portanto, a produção da corporeidade em qualquer regime de trabalho. Isso ocorre com os trabalhadores migrantes informais das esquinas de Goiânia.

Por meio de levantamento bibliográfico sobre a temática do trabalho informal para a redação da dissertação de mestrado (ainda em andamento) da autora, foi realizada a associação das leituras em conjunto com fotografias que retratam e revelam o local de trabalho desses trabalhadores. Mediante a observação e conversas com cerca de oito trabalhadores informais, foi possível gerar apontamentos e questionamentos acerca desse

universo importante de trabalho. Dessa maneira, buscou-se destacar e extrair o máximo das experiências e vivências narradas pelos trabalhadores entrevistados.

Como componente metodológico, as conversas deram-se por meio da observação do cruzamento onde estavam instalados, posteriormente foi feita uma aproximação, cumprimentando e conversando sobre o tempo, fazia 35° C em Goiânia nesse momento. Logo, a confiança fora estabelecida e as perguntas, previamente estruturadas, foram sendo postas em momentos oportunos. O ganho diário, a idade, com quantas pessoas residem, grau de escolaridade, cidade de origem, entre outras informações extras que foram integrando a narrativa desses trabalhadores informais.

Em alguns momentos durante as conversas com esses trabalhadores, notou-se que o desemprego se configura como a principal causa dos processos de mobilidade. Sob ameaça do desemprego, às vezes em situação de desalento, incrédulos e quase desesperados, buscam no trabalho informal de esquina o recurso possível de reprodução da vida.

Somando-se as crises econômicas e precarizantes ocorrentes no mundo, configuram-se as novas formas de trabalho, proporcionando o surgimento da informalidade, empreendedorismo, entre outros; o que, por sua vez, desemboca no corpo e na ação dos migrantes que procuram nas esquinas as condições vitais para existirem. Conforme o que apresentam Santana e Mendonça (2010), o processo social é mediado pela relação entre capital e trabalho em nível mundial, contudo, os lugares diferenciam e concretizam essa relação. Convém afirmar também que, embora a exploração do trabalho seja uma constante da sociedade capitalista, as experiências e as vivências do trabalho informal se cristalizam conforme as espacialidades, como, por exemplo, ruas, feiras, guaritas, avenidas.

Decorre disso, os questionamentos feitos aos trabalhadores das esquinas de Goiânia: “Quando você iniciou o trabalho informal em sua vida?”, “Quais lembranças afetivas são lembradas”, “Como se dá a relação com uso do território para disporem as suas mercadorias às vendas?”.

Estas e outras interrogações são a base de reflexão desse artigo redigido como parte das atividades do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (PPGeo/UFG) por meio das perspectivas teóricas, especialmente a partir de leitura de trabalhos efetivados por pesquisadores do CEGET – Centro de Estudos da Geografia do Trabalho e do Grupo de Estudo Espaço, Sujeito e Existência “Dona Alzira”.

Território e corpo narrados a partir de experiências e construções de vida

Os estudos de migração logrados após a década de 1990, além das dimensões estruturais, consideram uma gama de vivências e experiências socioculturais dos migrantes. O avanço de uma econômica neoliberal que adentrava o mercado interno contribuiu, significativamente, para que os processos migratórios crescessem de maneira exponencial. Com isto, inúmeros foram os casos de pessoas que deixaram seu local de origem e partiram para extremidades em busca de novas oportunidades de trabalho. De acordo com (BRITO, 2009),

A intensa internacionalização da economia e a conseqüente reestruturação produtiva modificaram substancialmente o processo de acumulação de capital, mesmo sem ter alterado, substancialmente, os desequilíbrios regionais e as desigualdades sociais. Todavia, a economia e a sociedade não exigiam mais uma transferência inter-regional do excedente populacional na forma como aconteceu no terceiro quartel do século passado. (BRITO, 2009, p. 14).

O que tem avançado reside nisso: o processo migratório não se encerra nos deslocamentos espaciais, nas causas e nos efeitos sociais e econômicos gerados pelos deslocamentos, pois envolve também rupturas, estranhamentos, banzos, saudades, quebras de afetos, às vezes desespero e preconceitos. De outra forma, poder-se-ia falar: a migração de trabalhadores implica o sujeito em sua totalidade humana.

Sob o ponto de vista estrutural, o trabalhador migrante nordestino geralmente é um componente dos baixos salários e da relação laboral em atividades de menores significação social na sociedade capitalista, como garis, diaristas e serventes de pedreiros. No campo da narrativa é ator de um discurso de esclarecimento das contradições sociais do país.

A pesquisa recente realizada por (SOARES, 2020) certifica que os trabalhadores migrantes falam do sofrimento, das rupturas, dos medos e, também, da solidariedade de conterrâneos, da organização de redes de afeto, de desenvolvimento de estratégias de resistências. Pode-se dizer: a sua voz é um depoimento da realidade do trabalhador brasileiro. Assim, é possível afirmar que a vida do trabalhador produz histórias, e essas histórias não podem ser silenciadas. Os trabalhadores, ao enunciarem seus problemas, impasses e sofrimentos, tomam consciência do seu mundo. Mas o regime opressor desconsidera, silencia, avilta essa voz de vida; e ao desconsiderar, empenha a sua opressão.

O trabalhador migrante desloca-se espacialmente e em sua subjetividade. Esse deslocamento produz riquezas simbólicas, e verbais, presentes na vida dessas pessoas, demonstrando que cada sujeito pode ser um território representado. Esta representatividade engloba suas práticas existenciais como relações sociais no trabalho, ligação com os pais, sofrimento amoroso, dificuldades de moradia, traumas, e às vezes, um passado de fome, de humilhação e também de pequenas vitórias cheias de significação.

Vale recolocar que o processo migratório diz respeito a uma rede de causalidade social e de determinações históricas que envolvem diretamente a relação capital-trabalho, a dimensão política e geopolítica e os aspectos culturais. Contudo, o migrante, como sujeito, se insere em um universo único onde oferta e recebe conhecimentos que, alocados ao longo do tempo, proporcionam histórias, relatos e momentos inestimáveis (SOARES, 2020).

Por sua vez, o corpo fala por meio de expressões, meneios, silenciamentos, gestos. E também pela forma oral mediante a qual, juntando ao corpo, produz os processos narrados, que segundo (PAZ, 1956, p. 33), podem ser resumidos assim: “Gestos y movimientos poseen significación. Y en ella están presentes los tres elementos del lenguaje: indicación, emoción y representación. Los hombres hablan con las manos y con el rostro”.

A fala do corpo, presente na narrativa dos relatos dos sujeitos migrantes, reforça a densidade de suas experiências e de sua identidade de trabalhador. E os relatos permitem rememorar lembranças, emoções e representações que trazem a sensibilidade de momentos agradáveis ou duros. Porém, em alguns casos, os relatos nem sempre são confortáveis ou prazerosos para quem os compartilha. Ocorre no exercício da fala interdições, momentos de emoção, dificuldades de verbalização de passagens trágicas e traumáticas.

Para muitos migrantes trabalhadores, o fato de deixarem seus locais de construção de vida gera tristeza, recordações nostálgicas e medo do porvir. Com certa frequência fazem o exercício de assimilar o mínimo possível o lugar para o qual se migra, com o local de origem e, de modo a amenizar a saudade de casa, se forçam a um esquecimento momentâneo. Isso conduz a uma compreensão importante: o ato de migrar exige uma negociação difícil. O migrante não pode esquecer as suas raízes, perdê-las é se perder. Mas precisa assimilar a cultura e as condições sociais do novo lugar. Entre memória e esquecimento a negociação se efetiva como uma tensão que é concretamente ligada ao salário à emoção e aos gostos.

Dessa tensão, surgem as estratégias como a criação das redes afetivas. Especialmente nas metrópoles, os migrantes organizam moradias, festas, modos de encontros entre os conterrâneos. Iniciar a vida em um novo país, estado, cidade ou bairro nem sempre é tarefa fácil e agradável para quem vivencia essa realidade. Surgem os desafios de negociação: a busca para estabelecer um novo local de moradia ou o encontro de um novo emprego são alguns dos problemas que acompanham o processo migratório.

Sabe-se que em grandes centros urbanos, por não possuírem um sistema de Bem Estar Social. A ausência deste sistema por parte do poder público permite, especificamente nas metrópoles, que se eleve o grau de disputa pelo emprego, o alto custo da moradia, as dificuldades de se estabelecer laços efetivos, criando uma realidade perversa e excludente causando a marginalização social dos trabalhadores. (DEDECCA e BALTAR, 1997):

[...] nossas sociedades não contam com um sistema de Bem-Estar Social que pudesse impor alguma resistência ao processo de informalização. Portanto, a reorganização econômica associa-se a um rápido processo de informalização, cuja velocidade e potencializada pela abertura econômica, que não somente articula a base produtiva existente, impondo contração no nível de emprego assalariado. (DEDECCA e BALTAR, 1997, p. 76-77).

Com esta grande ineficiência por parte do poder público parte dos migrantes, ao chegarem às metrópoles, são, automaticamente, direcionados aos espaços segregados. Ocorre, igualmente, a sua inserção perversa por meio de criação de colégios eleitorais de vereadores e deputados.

Devido a isso, os trabalhadores migrantes se veem em situação de vulnerabilidade social e sujeitos à falta de renda, sendo direcionados ao trabalho informal. Como modo possível de garantir o básico para sobreviverem nas grandes cidades, vários migrantes se submetem a essa realidade. A informalidade se apresenta como única oportunidade de renda, seja pela pouca escolaridade de alguns, seja pelo que é possível. Visões estas que, segundo (CACCIAMALI, 1989) trata-se de

As atividades informais estariam mais vinculadas a ‘estratégias de sobrevivência’ e de ‘ascensão social’ de uma parte da população com características específicas; ou seja, por um lado, trabalhadores que não têm qualificação, educação ou hábitos de trabalho apropriados às demandas do setor tipicamente capitalista, por outro lado, trabalhadores que não têm oportunidades ou não querem submeter-se às condições e os salários oferecidos pelo setor formal. (CACCIAMALI, 1989, p. 28).

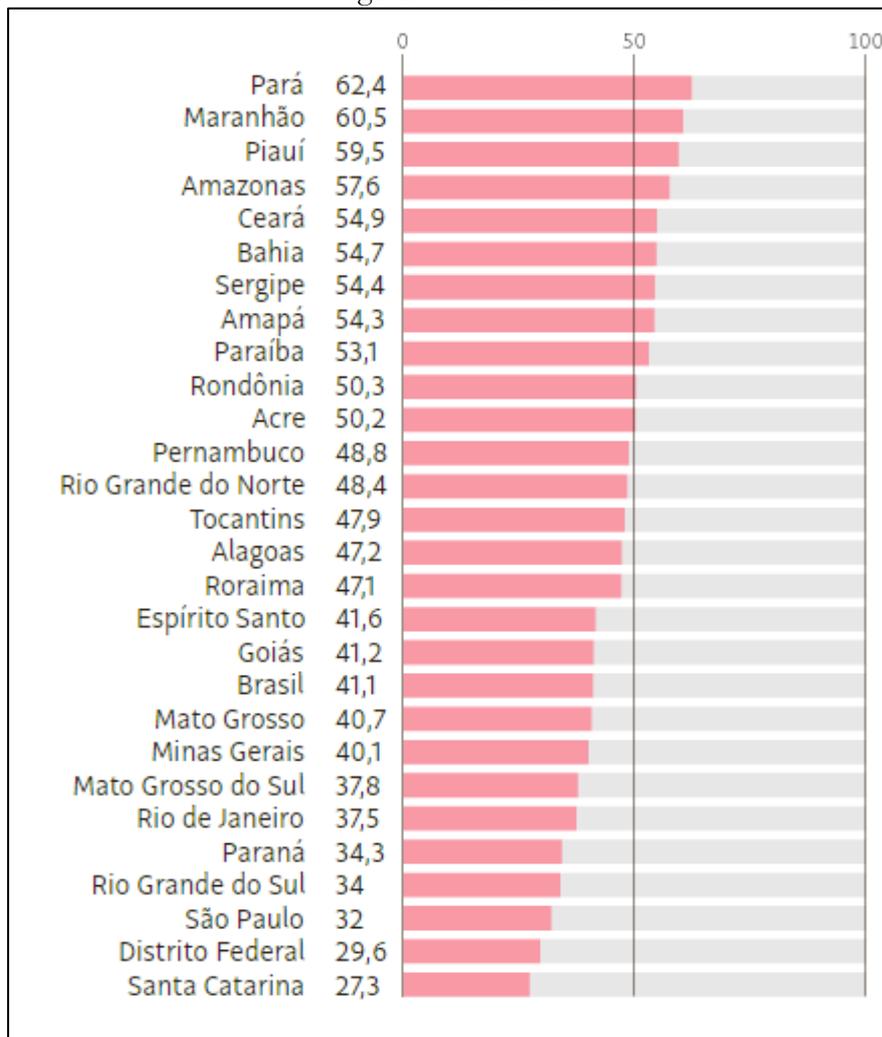
O aumento deste tipo de trabalho em escala nacional e global tem sido de forma exponencial. O Instituto brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) lançou recentemente

dados e reflexões do crescimento da informalidade no Brasil. Conforme o instituto, o trabalho informal era, em 2019, a principal ocupação de aproximadamente 40% da população brasileira em 21 estados, apenas Santa Catarina e o Distrito Federal tiveram um percentual menor que 30%.

Ao funcionar como um modelo de “colchão” econômico, esse campo absorve duas identidades de trabalhadores: os novos integrantes que saem da adolescência e são compelidos a produzirem rendas e os desempregados. A pesquisa do IBGE demonstra também que 2,9 milhões de trabalhadores procuram emprego há dois anos.

Ao observar os estados referenciados (figura I), é possível compreender o grau problemática da estrutura do trabalho no Brasil.

Figura I – Estados.



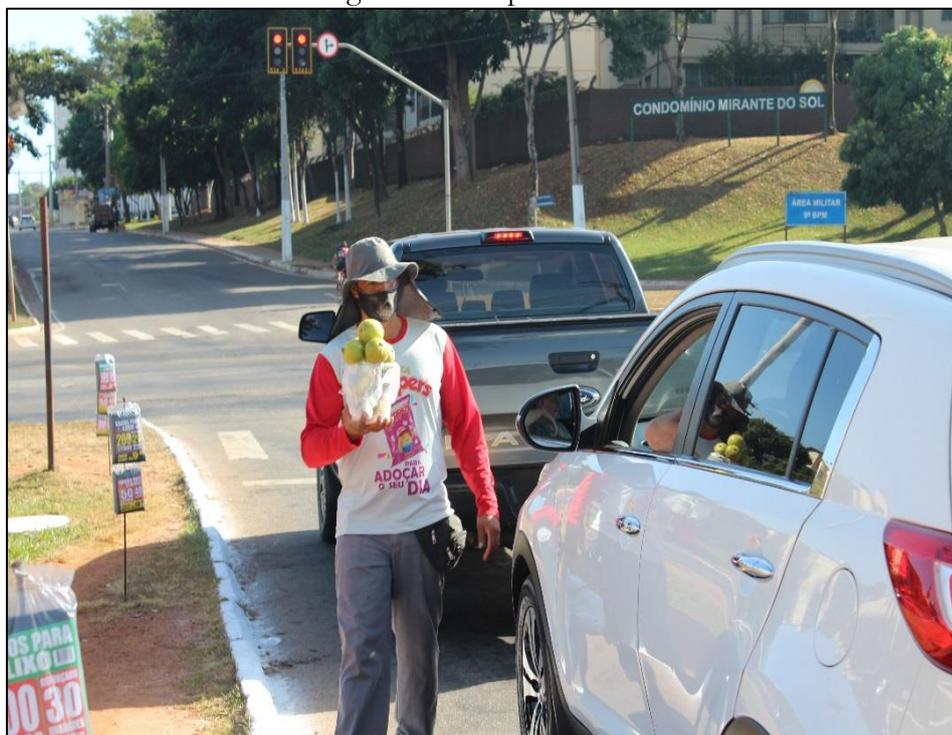
Fonte: IBGE, 2019.

A espacialização de trabalhadores informais no Brasil demonstra o modo pelo qual a territorialização do capital se vincula à divisão regional do trabalho. Observa-se, por exemplo, que as regiões norte e nordeste são as que possuem percentuais mais elevados. Isso quer dizer que a capacidade de geração de emprego dessas regiões é menor; percebe-se que o cinturão do agronegócio fica em uma zona intermediária; e que a região sudeste e sul são as que possuem menores taxas.

Ao interpretar os dados contidos na figura 1, corrobora-se com o que (XAVIER, 2014) apresenta: a informalidade é o grau extremo da precarização da vida. Responde pela divisão regional do trabalho e pela luta de classe. É um depoimento da maneira pela qual ocorreu, e ocorre, a territorialização do capital no Brasil. Envolve a escala global da economia mundial, pois resulta da impossibilidade da acumulação capitalista gerar emprego e, portanto, de resolver a dignidade aos trabalhadores.

Nesse quadro é que houve o aumento significativo do número dos trabalhadores informais nos cruzamentos de avenidas em grandes centros urbanos e em Goiânia. Convém considerar que esse fato, estampado na paisagem, especialmente das vias principais da cidade, fomenta a prática espacial de vários migrantes.

Figura II- Tempo do sinal.



Fonte: Juliane Silva, maio de 2020.

Ao observar a sua prática de trabalho, seus gestos, seu esforço e a sua exposição às condições degradantes, percebe-se que o seu corpo é o componente que realiza as atividades de trabalho e internaliza toda a precariedade numa espécie de invasão social da precariedade nos órgãos. Nota-se também nas narrativas dos trabalhadores, a história de seu povo e de seus conterrâneos. É possível ouvir os traços da sua vivência e os fatores históricos que os conduziram a condição de trabalhador informal. Um trabalhador diz que,

“Eu vim pra cá purquê tentei arrumar emprego, fiquei tentano mais de seis mês, mas num consegui, as coisa tava muito ruim, passano humilhação, a minha mulher trabaia de diarista, então um amigo, conterrâneo, falou pra tenta, ele me ajudou, então eu vim. Ele me ajudou no ponto, eu vim pra essa esquina, a gente que pagá, eu vim, a gente num sabe o quando vai ganhar, tem que enfrentá tudo, sol, chuva, gozação, falta de educação, tem muita gente que tá no carro e tem medo da gente, acha que a gente é ladrão, olha com a cara ruim, de deboche, olha cum descaso. Fazê o quê?”

A rede de solidariedade construída na ajuda do conterrâneo, a luta contra a humilhação e pela sobrevivência, o modo como é visto pelos passantes da esquina, revelam as condições do trabalhador informal dos semáforos. Essa representatividade acompanha o coletivo de sujeitos e sua subjetividade ao longo de sua jornada, promovendo o que (SANTOS, 1982) enfatiza e aborda ao refletir sobre o modo como os condicionantes sociais e históricos implicam na interpretação do espaço vivenciado pelo ser humano.

O fato de o território ser compreendido por relações sociais de forças, de disputas e de conflitos, avança uma compreensão: os trabalhadores informais das esquinas são agentes de construção do território urbano. A relação de posse, poder e propriedade, permitem e promovem interações sociais entre as distintas esferas que a compõem. No caso específico das esquinas, essa posse é feita numa profunda instabilidade. (SILVA, 2004) avalia esse processo dizendo que,

A combinação entre o desemprego em massa e permanente e a informalidade produz um efeito devastador no cotidiano do trabalho: uma situação de semi-emprego na qual, para a maior parte dos trabalhadores, desaparece a divisão entre uma situação de segurança (no emprego) e de insegurança, infundindo um sentimento de medo silencioso e constante entre os assalariados. É um processo que se retro-alimenta, um círculo vicioso difícil de ser quebrado: o medo permanente – e expectativa real – da perda do emprego, potencializado pela desestruturação do mercado de trabalho e pela falta de amparo estatal e sindical, impede, em boa medida, que a classe trabalhadora coloque freios à deterioração das condições e relações de trabalho, a qual, por sua vez, alimenta o medo e a conseqüente sensação de impotência dos trabalhadores. (SILVA, 2004, p. 6).

A partir das narrativas dos trabalhadores é possível perceber a insegurança, o medo, o sentido real da desestruturação do mercado de trabalho. É possível também observar o poder de pertencimento do corpo como sendo um território. Um trabalhador revela que,

“Eu acordo cedo, moro muito longe, pego três ônibus, venho pra cá pra aproveitar o horário de pico dos carro, cedo é melhor, mais fresco, mais o sol vai esquentano, a gente sofre, trago a água ou pego no posto. Tem gente que fala que tem perigo de câncer de pele, eu não tenho condições de comprar protetor. Quando o sol tá quente demais, rachando, eu corro para debaixo de uma árvore ali, mas não adianta. Trago a comida e como fria mesma. Tem que ser assim...”

A relação viva do trabalho, a disposição do corpo em condições inadequadas, o sacrifício físico, a exposição ao sol, demonstram que o trabalho informal repercute na saúde do trabalhador de maneira deletéria. (CERQUEIRA, 2008), ao fazer uma pesquisa envolvendo trabalhadores informais e saúde, explica que,

“Alfredo, Sebastião, Adolfo, Inácio, Juscelino, Francisco, Nestor, Mário, Olímpio, Pedro e tantos outros são trabalhadores que, quando abordados, dizem com orgulho seu nome completo e relatam histórias e acontecimentos pessoais. São homens comuns, simpáticos, bonachões, carrancudos, brincalhões, ranzinzas. Às vezes de aparência abatida, sonolentos, cansados, mas firmes no seu posto; atentos às surpresas da rua e às exigências do patrão. Os protagonistas deste estudo são homens, muitos deles já aposentados, seja por tempo de serviço ou invalidez, com idade variando entre sessenta e oitenta anos (estes mais raros), cujo trabalho informal consiste em divulgar, segurando placas (plaqueiro) ou utilizando o próprio corpo como painel (homem-sanduíche), onde são exibidos anúncios com as mais diversas ofertas de empregos, serviços e negócios. (CERQUEIRA, 2008, p. 235).

Trabalhadores informais migrantes, envelhecidos, mulheres e, às vezes, crianças, expõem o seu corpo à labuta. O corpo, dispositivo essencial do trabalho e da vida, em sua representatividade, apresenta, assim, não só as dimensões fisiológicas e biológicas, mas a deficiência social. Nas esquinas, o corpo fala sem palavras.

Por sua vez, as representações do corpo daquele que o olha, o alveja, o classifica, muitas vezes com desdém, preconceito, inferiorização, é capaz de desenvolver diferentes práticas. Para (DAOLIO, 1995, p. 105), “[...] no corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”.

Pode-se dizer que o corpo produz o trabalho e as condições e a estrutura do trabalho produzem o corpo. Os trabalhadores informais lançam o seu corpo em condições ambientais que precarizam a sua saúde, danificam a sua potência vivente. Mas como ente

aberto às práticas e como unidade biopsicossocial, o corpo é guardador de memória. É também um transmissor de conhecimentos mediante as experiências e vivências que podem ser reproduzidas por meio de narrativas (CHAVEIRO, 2014).

Embora as condições sociais e o modelo de acumulação precarizem o corpo do trabalhador informal, como patrimônio do sujeito, ele é o que o trabalhador possui para agir, resistir, enfrentar, sobreviver. Para (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p. 29), “[...] o corpo é construído, decorado e expressa-se individualmente, é um projeto pessoal, flexível e adaptável aos desejos do indivíduo”. A individualidade e a especificidade do corpo demonstram que as diferentes imersões sociais e culturais transformam o corpo em um território.

O trabalhador informal migrante carrega o seu lugar de origem, o seu jeito de falar, os seus gostos culinários, musicais e também a abertura para enfrentar diferentes situações na sua corporeidade. E a ressignificação do corpo do trabalhador informal migrante, enquanto expressão máxima das etapas de sua vida é disposto à aprendizagem dos locais onde se está inserido. (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011), dizem que,

“[...] é através do nosso corpo que expressamos o efeito e significados que as relações tiveram ou têm em nós. A nossa existência corporal está imbuída num contexto, relacional e cultural, sendo este o canal pelo qual as nossas relações são construídas e vivenciadas”. (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p. 32).

As vivências corporais dos trabalhadores informais transpõem o aspecto biológico do corpo. Por isso, pode-se dizer que o corpo está além de fatores naturais, pois nele se promove e reproduz também as vivências e experiências. E as vivências e construções realizadas ao longo dos tempos dependem de um local para acontecer. O corpo vai às esquinas; as esquinas barulhentas, marcadas pelo compasso do semáforo, penetram os corpos.

As práticas sociais advindas dos processos de trabalhos informais nas metrópoles permitem uma leitura apurada de como os fluxos e fixos estão inseridos neste processo. (CASTROGIOVANNI, 2013) afirma que

As cidades são partes representativas da complexidade que é o espaço geográfico. Os elementos móveis das cidades, ou seja, os fluxos são tão importantes como os fixos, ou seja, os que pertencem a elas. Os turistas, papel que assumimos quando estamos em movimento no espaço, fazem parte dos fluxos. Eles não são meros observadores deste espetáculo de interações, mas parte dele. Os fluxos também interagem, formam resistências, aceleram mudanças, criam expectativas, desconstruem o aparentemente rígido cenário urbano. Na maioria das vezes, nossa

percepção não é total, mas parcial no tempo e no espaço. A cidade não é apenas um conjunto de elementos observados (fixos), mas o produto de muitos construtores. (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 383)

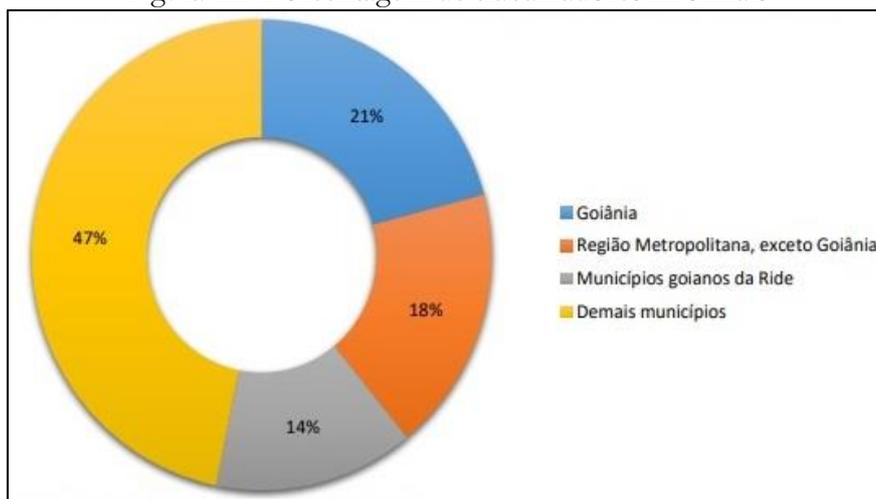
As práticas sociais sempre acompanharam o sujeito em seus processos migratórios. A cidade é fecundada pelas diferentes práticas. Todos os sujeitos, como é o caso específico do trabalhador informal migrante, interagem com o espaço em que estão inseridos, promovendo as suas vivências. Essas vivências são a matéria prima de suas narrativas de vida.

Por meio das falas em conversas formais ou informais o sujeito retrata e descreve os seus itinerários de vida, as suas agruras, as suas dificuldades. Essa narrativa, falada para fora, é uma maneira de o sujeito falante observar a si mesmo, organizar-se interiormente, produzir a sua consciência de trabalhador, reconhecer-se como parte viva da cidade.

Narrativas de trabalhadores informais nas esquinas de Goiânia

De acordo com Instituto Mauro Borges (IMB), o Estado de Goiás possui, em 2019, 1,4 milhões de trabalhadores informais. Esse número corresponde a 41% da ocupação. Ao observar os dados (2019) de Goiânia, percebe que a cidade e a região metropolitana de Goiânia, possuem quase 40% relativo ao Estado de Goiás.

Figura III- Porcentagem de trabalhadores informais



Fonte: Instituto Mauro Borges, 2019.

Em meio a esses dados é que há o estímulo para ouvir a voz desses trabalhadores. Como foi salientado, os seus relatos são documentos históricos, de vivências e de

experiências de luta. A partir das narrativas pode-se aproximar de momentos ocorridos na vida de inúmeras pessoas que estão inseridas nas trajetórias de trabalho.

Se a reestruturação produtiva do capital, em nível mundial, foi responsável pelo avanço do desemprego, o alargamento do trabalho informal desembocou em um conjunto de situações dramáticas. Para (SANTANA e MENDONÇA, 2010, p. 2)

A reestruturação produtiva do capital desencadeada nas últimas décadas, tem provocado mudanças significativas na base territorial do capital e do trabalho, para o qual os desdobramentos são extremamente negativos. Percebe-se de forma mais generalizada o efeito do desemprego, da desterritorialização de milhares trabalhadores e famílias camponesas, da subcontratação e terceirização, da desregulamentação das leis trabalhistas, do aumento do trabalho precário, informal e sem carteira.

Os trabalhadores que surgiram após esta nova organização do espaço e do trabalho nacional expõem o corpo como um território, trazem consigo as diversas construções de vida devido aos processos migratórios. Conforme as narrativas obtidas durante as conversas com os trabalhadores informais, o motivo mais comum entre seus pares é a obtenção de emprego além da melhoria de condições de vida. Um trabalhador diz que,

“Muitos amigos e parentes já tinha vindo para Goiânia, eu ficava assim, era difícil largar tudo, mas onde eu morava, no Maranhão, não dava mais, era penoso, não tinha jeito. Então, resolvi vir para trabalhar. Eu sabia que era difícil, mas não sabia tanto, aqui corre mais dinheiro, mas não tem muito emprego para quem não tem formação como eu. Eu não me arrependo, mas não posso falar que é fácil. Você tem que matar um leão por dia, tem as despesas, pago transporte, aluguel, luz, água, a sobrevivência aqui é cara”.

Os processos migratórios permitem a ampliação, pelo menos em nível de sonhos e de esperança, de novos horizontes, de novas oportunidades, aprendizados e vivências. Tais obtenções pessoais proporcionam experiências de vida que compartilhadas, promovem e despertam diversas sensações a quem as recebe.

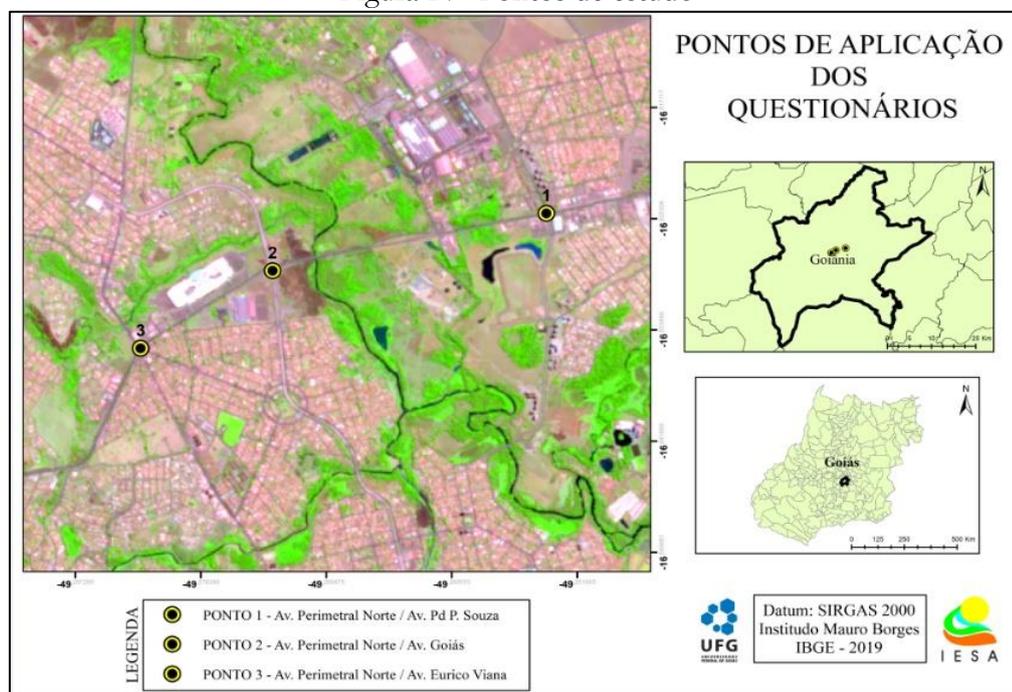
Registra-se que em conversas com os trabalhadores dos semáforos de Goiânia fez lhes brotar a memória que, por meio das narrativas, demonstra a construção de vida acumulada por meio de suas experiências. Aliadas a narrativas, as imagens descrevem parte das condições vivenciadas pelos trabalhadores informais nos sinais das avenidas urbanas.

O meandar dos trabalhadores entre os carros num tipo próprio de malabarismo e flexibilidade para atenderem os fregueses e o tempo do sinal desperta a atenção dos que por ali passam. A demonstração do produto, a venda feita, o recolhimento de algumas mercadorias como saquinhos de balas dispostos sobre o retrovisor dos carros que aguardam o tempo do sinal, nada passa despercebido. A luta pela sobrevivência e por uma

melhor qualidade de vida faz-se presente no cenário observado. A paisagem que os olhos contemplam de uma a uma guerra, particular e diária pelo sustento.

O local escolhido para observações poderiam ser por quase todas as avenidas movimentadas de Goiânia, mas se ateuve a Perimetral Norte. Esta avenida de 25 km penetra diversos bairros interligando o Jardim Guanabara (BR. 153) ao Jardim Floresta (saída para Trindade-GO). Devido sua importância e funcionalidade, dividimos a avenida em três pontos importantes representados no mapa a seguir.

Figura IV- Pontos de estudo



Fonte: Juliane Silva, maio de 2020.

O primeiro ponto está no cruzamento da Av. Perimetral Norte com a Av. Pedro Paulo Correia, o segundo ponto está localizado no Setor Goiânia II no cruzamento da Av. Perimetral Norte e Av. Goiás Norte. O terceiro fica no cruzamento da Av. Perimetral Norte e Av. Eurico Viana no Setor Jardim Diamantina.

A escolha destes pontos levou em consideração a funcionalidade e posicionamento estratégicos, bem como o acesso dos trabalhadores. O local onde realizam seu ofício e a maneira de executá-lo trouxe-nos observações entre a relação existente nas formas de expressar e comunicar com os motoristas e transeuntes.

A forma como agem promove o entendimento sobre os relatos descritos pelos trabalhadores em questão. Dessa maneira, a narrativa construída pelos trabalhadores

informais traz a representatividade de seu cotidiano. Ou seja, a sua vida concreta e o significado do trabalho como operador de vida.

Em uma das caminhadas num trabalho de campo por algumas avenidas movimentadas de Goiânia, pode-se notar ao longo da via, principalmente entre um poste de iluminação pública e outro, algo chamativo: alguns produtos são dispostos e organizados estrategicamente no chão. Todo este arranjo para chamar atenção de quem por ali passa, ora de veículo, ora a pé. A estratégia pressupõe que seja quase impossível não perceber as cores vibrantes e as texturas que as mercadorias exalam.

Enquanto se espera o tempo do sinal para atravessar a avenida, observam-se as cores penduradas, os objetos dispostos no chão, o movimento dos trabalhadores.

Figura V- Redes, trabalho e território.



Fonte: Juliane Silva, maio de 2020.

O painel fotográfico (figura V) revela a estratégia de exposição de mercadorias. Percebe-se a diversidade de produtos, como pano, brinquedos, frutas, doces, forros de prato e outros. Todos esses produtos possuem pequenos valores monetários, mas é o que sustentam a vida dos trabalhadores informais. Enxerga-se nas imagens, o esforço corporal, a tentativa de proteção do sol, e, inclusive, a estética de apresentação das mercadorias. Toda essa vida é vista assim pelo próprio trabalhador:

“Tem dia que não vende quase nada, e o lucro é muito pequeno, tudo é muito barato, mas a gente vende, tem que insistir. Já aconteceu de eu

vender os panos de prato do valor de custo porque eu precisava de dinheiro para comer. Tem gente que compra pra ajudá a gente. A gente vê na cara das pessoas. Um dia uma mulher falou assim: “eu tô comprano porque ocê não tá roubano, ocê tá trabalhando, lutando pela vida”. Essa é uma recompensa, eu num tô roubando”.

Vários desses trabalhadores demonstram a pele tingida pelo sol quase escaldante de Goiânia. Geralmente são pessoas que nasceram em cidades e municípios pequenos do nordeste; são simples, receptivos, humildes, falam de maneira simples. Ocorre de começarem a conversa dizendo que aquele ponto onde está havia sido alugado e que as mercadorias expostas pertenciam ao “*cabra*”, que na ocasião, era seu patrão.

O monopólio das esquinas em forma simbólica, mas efetiva, expressa o grau de mercantilização urbana. Um entrevistado apontou um rapaz do outro lado da via que vendia morangos. Ao apontá-lo disse: “*aquele ali faz por diária*”. A terceirização dentro do trabalho informal nos sinais possui a lógica dos fluxos. Ou seja, as esquinas de avenidas com maior trânsito de veículos possuem valores mais elevados, são mais disputadas.

O entrevistado relatou que havia alugado seu ponto porque foi vender seus produtos para tentar fazer um “*troco*” a mais na festa religiosa goiana, chamada “*Romaria de Muquém*”, mas não tinha sido boa como em anos anteriores. Disse ainda que em anos anteriores era melhor para vender seus produtos (redes, carregadores de celular, cintos, meias): “*Moça, nesse sinal aqui, eu já fiz num dia 1000 conto, só vendeno essas coisinha aqui que você tá vendu*”. Ele mesmo disse que ao longo dos anos muitas pessoas perderam seus empregos e a “*precisão do cabra de se virar*”, os levou para aquele cruzamento, devido a isso a concorrência veio aumentando e as vendas estavam cada vez mais fracas.

A análise feita pelo entrevistado nos relatos apresenta as diversas experiências produzidas em decorrência de seu ofício. Os seus itinerários de vendedor ambulante o fizeram atravessar as fronteiras do país, já esteve em alguns países, como o Chile e Argentina. Caminhante pelo mundo, à medida que a conversa construía uma recíproca confiança, o trabalhador migrante disse ter recebido um telefonema da sua mãe. Neste momento ao olhar o cruzamento das avenidas Milão e Veneza no Jardim Europa surge uma emoção forte.

Ao retornar a conversa, tocada pela fala da mãe que mora na Bahia, ele diz: “*moça, o cabra fica doido de saudade com uma fala dessa. Lá no sítio nós sabemos como o frango é criado, é pego no quintal e feito na hora, esses da cidade a gente só sabe que é mudado, nem o ovo tem a gema amarela*”.

A saúde, a memória, o distanciamento da família, as dificuldades de sobrevivência, impulsionou a família a encontrar uma saída: “*espalhar os filhos entre os parentes*” e que ele, aos nove anos, partiu pra Bahia para ficar com seu tio. Sem saber escrever, mas que a vivência dos sinais havia lhe servido como escola, que aprendera a “*ler na marra*” porque precisava “*se virar*”.

“*A vida nem sempre foi ruim, moça*” - relatou. Apesar de “não ter estudo”, às vezes interrogava: “*por que gente que tem estudo é mais ignorante dos que os que não têm?*”. Esse trabalhador aprendeu na vida “a se virar”, mas sabia que se tivesse uma formação universitária teria melhores condições de enfrentar as dificuldades.

Os trabalhadores informais, segundo os relatos dos vendedores das esquinas de Goiânia, nem sempre estão na atividade porque querem, mas por lhes faltarem oportunidades. Há 15 anos residindo em Goiânia, já tentou trabalhar formalmente, porém seu nível de instrução não o permitiu. Consideram ser positivo o fato de fazerem os seus horários de trabalho, vários almoçam em casa, outros levam a comida para as esquinas. Com frequência cumprem uma carga horária de trabalho que vai das 09h00 às 19h00.

A partir dos breves relatos colhidos nota-se que a vida destes trabalhadores ocorre no tempo do sinal e que são invisíveis na paisagem. A cronologia do verde, amarelo e vermelho faz paralelo com o cotidiano de construções sociais desses sujeitos.

O corre-corre no momento das vendas entre o vermelho, o amarelo e o verde, a saúde prejudicada (muitos evitam tomar água, pois não há banheiro que possam utilizar), as condições de trabalho precárias, a insegurança com a renda, a exposição a toda sorte de recepção, a obrigatoriedade de terem que passar o dia inteiro ouvindo os ruídos dos veículos, a irregularidade das vendas, a dependência da macroeconomia e da disposição de compra, os colocam nas margens e na invisibilidade. Contudo, as suas falas mostram o coração do país, as contradições, o aviltamento, o preço da desigualdade social, do monopólio da riqueza, da concentração de terras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhadores informais migrantes estão nas ruas, nas feiras, nas festas. Estão também nas guaritas de prédios, nas universidades, nos hospitais, nas portas dos estádios de futebol. Cada vez mais aumentam, ampliam o espectro de sua luta, se lançam na informalidade como o último e possível recurso de sobrevivência. Especificamente os

trabalhadores informais migrantes das esquinas de Goiânia-GO, enfrentam o sol, o olhar preconceituoso, a jornada de trabalho extravagante, os ruídos e as fumaças dos veículos, a infraestrutura inadequada, o desgaste físico.

Os relatos desses trabalhadores que se unem a tantos outros por diversos lugares do país e do mundo, mostram a difícil experiência de viver e sobreviver na metrópole goianiense. Demonstram também o aspecto perverso do desemprego estrutural, que cresce de maneira exponencial nas escalas locais e globais, contribui de maneira significativa para que a informalidade seja uma expressão da crise estrutural do capitalismo.

Sabe-se que o mundo contemporâneo, como tem analisado vários autores, tem se (re)organizado constantemente. A financeirização da economia, o endividamento da pobreza, a inserção de ciência, tecnologia e informação no processo de trabalho penetram as esferas sociais de maneira perversa, gerando a exclusão do emprego formal para muitas pessoas.

Enxerga-se que o Estado, calibrado pelas instituições jurídicas e pelos grupos conservadores, ao fazer a reforma trabalhista e previdenciária, de um lado, e a ampliação das empresas plataformas, por outro lado, se coloca como o braço direito do neoliberalismo. Cabe aos trabalhadores informais à luta pela sobrevivência, do mesmo que desenvolver táticas de vendas, de organização familiar, de moradia. Apesar das dificuldades, como foi visto neste trabalho, a informalidade permite a quem está inserido neste tipo de trabalho, o desenvolvimento de aprendizados e experiências ricas.

As experiências de trabalho informal nas esquinas de Goiânia, ao longo das jornadas diárias incertas, proporcionam a cada um a lançar o seu corpo como um território de vida. Permitem também que, mediante as narrativas de suas condições de trabalho e de suas condições de trabalhadores migrantes, revitalizem a sua memória, as suas dores e as suas conquistas.

Quase sempre invisibilizados, esmagados pelas condições precárias de trabalho e de existência, a voz do trabalhador informal migrante demonstrou que as suas histórias devem ser contadas e ouvidas. Ouvi-las é uma forma de consideração, de respeito e de dignificação do sentido do trabalho acadêmico.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Raquel, MATOS, Paula Mena, COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 24-34, jan./abr., 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2020.

BRITO, Fausto Reynaldo Alves de. **As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009, p. 20. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/6227031.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2020.

CACCIAMALI, Maria Cristina. As economias informal e submersa: conceitos e distribuição de renda. *In*: CAMARGO, José Marcio; GIAMBIAGI, Fábio (org.). **Distribuição de renda no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 121-143.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Turismo, organização e reconstrução do espaço urbano contemporâneo. **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 5, n. 3, p. 381-389, jul./set., 2013. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2241>. Acesso em: 2 ago. 2020.

CERQUEIRA, Monique Borba. Quando a rua é dos velhos: trabalho informal, saúde e condições de vida. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre v. 7 n. 2 p. 235-249. jul./dez., 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/4820>. Acesso em: 2 ago. 2020.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e lugar: elos da produção da existência. *In*: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 249-280.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

DEDECCA, Claudio Salvadori; BALTAR, Paulo Eduordo de Andrade. Mercado de trabalho e informalidade nos anos 90. **Estudos econômicos**, São Paulo, v. 27, número especial, 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ee/article/view/161319>. Acesso em: 28 jul. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 1 ago. 2020.

INSTITUTO MAURO BORGES (IMB). Disponível em:

[https://www.imb.go.gov.br/index.php?option=com_tags&view=tag&id\[0\]=16&types\[0\]=1&types\[1\]=5&Itemid=199](https://www.imb.go.gov.br/index.php?option=com_tags&view=tag&id[0]=16&types[0]=1&types[1]=5&Itemid=199). Acesso em: 25 jul. 2020.

PAZ, Octávio. El Language. *In*: **El Arco y La Lira**. México: Fondo del Cultura, 1956.

SANTANA, Alex. Tristão de; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. Geografia e Trabalho: uma leitura a partir das transformações territoriais. *In: SEMINÁRIO DO TRABALHO: TRABALHO, EDUCAÇÃO E SOCIABILIDADE*, 7, 2010, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, Universidade Estadual Paulista, p. 1-16, 2010. Disponível em: http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Alex_Tristao_de_Santana_e_Marcelo_Rodrigues_Mendonca_GEOGRAFIA_e_TRABALHO.pdf. Acesso em: 1 ago. 2020.

SANTOS. Milton. Da totalidade ao lugar. *In: Santos, Milton. Espaço e Sociedade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

SILVA, Sidartha Sória e. Desemprego e precarização do trabalho: os efeitos sobre o mundo do trabalho uberlandense e as respostas dos sindicatos. *In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA*, 11, 2004, Diamantina. **Anais [...]**. Diamantina, Universidade Federal de Minas Gerais, s/p., 2004. Disponível em: <https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/publicacoes/diamantina-2004/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

SOARES, Fernando Uhlmann. **Mãos que escrevem o território, escrevem a vida: o trabalhador migrante nordestino em Rio Verde, Goiás**. 2020. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Jataí, Jataí, 2020.

XAVIER, Dayana Caroline Rodrigues Macedo. **O mundo do trabalho e aspectos do trabalho informal na atualidade**. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em questão social pela perspectiva interdisciplinar), Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/39919>. Acesso em: 2 ago. 2020.

Submetido em agosto de 2020

Aceito em Outubro de 2020